

## ARTIGOS

### *Articles*

# A MORTE NA FÉ CRISTÃ: UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR

## *Death in the Christian faith: an interdisciplinary reading*

Leomar Antônio Brustolin\*  
Fabiane Maria Lorandi Pasa\*\*

### Resumo

O artigo reflete sobre a morte, partindo de uma interdisciplinaridade entre Filosofia, Psicologia e Teologia. Recentemente, a Teologia tem procurado desenvolver estudos que reflitam mais a relação entre vida e morte e não apenas entre morte e além. No diálogo com outras áreas do conhecimento, busca estudar os diferentes enfoques de uma mesma realidade, integrando a abordagem no horizonte da fé cristã. Após tratar da realidade atual da morte e do morrer, são analisadas diferentes interpretações sobre a morte e o medo que ela pode significar. Finalmente, descreve-se a noção de morte no Cristianismo, concentrando-se na Sagrada Escritura e na Tradição, no intuito de recuperar os elementos que permitam aos cristãos reintegrarem o sentido de morrer ao viver.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Cristianismo. Teologia. Psicologia.

### Abstract

*This article reflects on death, starting from an interdisciplinary approach between Philosophy, Psychology. Recently Theology has sought to develop studies that reflect more the relation between life and death and not only between death and beyond. In the dialogue with other areas of knowledge, it seeks to study different approaches to the same reality, integrating the approach in the horizon of Christian faith. After dealing with the current reality of death and dying,*

\*Doutor em Teologia. Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: <leomar.brustolin@pucrs.br>.

\*\*Psicóloga. Mestre em Teologia pela PUCRS. E-mail: <fabipasa@terra.com.br>.

*different interpretations are analyzed about death and the fear it may signify. Finally, the notion of death in Christianity is described, concentrating on the Holy Scripture and Tradition, in order to retrieve the elements that allow Christians to reintegrate the meaning of dying and living.*

KEYWORDS: *Death. Christianity. Theology. Psychology.*

## Introdução

Estudar a morte é pensar sobre a vida. O conceito tradicional de *morte biológica*, definida como o instante em que cessam os batimentos cardíacos, tornou-se obsoleto. A morte é um enigma, porque não se sabe realmente o que ela é. Nem mesmo a medicina consegue conceituá-la. Embora as ciências médicas avancem rapidamente, algumas dúvidas permanecem. Descobriu-se que a morte não é um fato instantâneo, mas um processo composto de várias etapas, o qual supõe distinguir morte clínica de morte fisiológica e de morte absoluta.<sup>1</sup>

Conhecem-se, cada vez mais, as fronteiras entre a vida e a morte, diferentemente de um tempo pretérito, quando se colocava um espelho sobre a boca da pessoa para ver se ela respirava ou se eram ouvidas as batidas do coração para saber se ela vivia. Igualmente, desenvolveu-se um grande arsenal tecnológico para garantir uma sobrevida a pacientes terminais. Aumenta a expectativa de vida graças às constantes pesquisas na área da saúde, e o problema da dor é muitas vezes solucionado com analgésicos que permitem maior conforto ao moribundo.

Hoje, ela é vista como um processo, como um fenômeno progressivo. A revisão do conceito de *morte*, definindo-a como morte encefálica, tornou-se necessária devido a diversos fatores, entre os quais se destaca a capacidade da medicina de prolongar indefinidamente uma vida por meios artificiais.<sup>2</sup> Esse misterioso momento de cessação da vida é que causa o pavor, principalmente em relação ao processo doloroso que pode levar à morte.

<sup>1</sup> A *morte clínica* ocorre quando o sistema nervoso central para de funcionar. A *morte fisiológica* é decretada quando os principais órgãos vitais (coração, pulmão, fígado) paralisam provisória ou definitivamente, enquanto o sistema nervoso central ainda funciona. A *morte absoluta* indica o cessar de todas as funções vitais do corpo humano.

<sup>2</sup> BRÊTAS, J. R. da S.; OLIVEIRA, J. R. Reflexões de estudantes de Enfermagem sobre a morte e o morrer. *Revista Escola de Enfermagem*, São Paulo: Edusp, v. 40, n. 4, p. 477-483, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reecusp/v40n4/v40n4a04.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

O corpo humano vive em constante estado de vida e de morte, e a inquietação sobre o morrer não é um problema fictício, ao contrário, é real e digno de ser enfrentado. Nesse sentido, pode-se concluir que certos limites humanos estão mais controlados, contudo, não dominados nem científica, nem racionalmente e tampouco emotivamente. A morte permanece sendo um enigma. É por isso que, diante da morte, somos todos iguais, não apenas porque todos findamos, mas porque todos ignoramos o seu insondável mistério.

O assunto *morte*, todavia, é visto como um tabu, muitas vezes ocultado, mas a reflexão é necessária para o seu enfrentamento. Todo ser humano dirá ter consciência de que um dia morrerá. Contudo, ao se envolver com a vida, tenderá a não pensar nem a se expressar a respeito da própria morte. Geralmente, concebe-se sempre a morte do outro, do estranho.<sup>3</sup> Há, portanto, a tendência de se negar a morte e de se desviar de questões relativas à finitude. A morte, entretanto, quando pronunciada, desperta curiosidade, desconforto, reflexões e medo. Por isso, muitas vezes, ela é mascarada:

O homem está bipartido: ao mesmo tempo em que sabe de sua finitude de forma racional e consciente, vive toda a sua existência com a morte presente em seus sonhos e fantasias. Durante toda sua existência, o ser humano tenta driblar esse saber, essa consciência e age como imortal.<sup>4</sup>

Ariés diz que, num mundo constantemente sujeito a mudanças, a atitude tradicional perante a morte aparece como um embrião de inércia e de continuidade. Está tão apagada dos nossos costumes que se tem dificuldade de imaginá-la e de compreendê-la. A atitude antiga em que a morte era, ao mesmo tempo, próxima e familiar, opõe-se demasiado à atual, já que causa tanto medo a tal ponto que já não se ousa pronunciar o seu nome.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*. São Paulo: Summus, 2000, p. 21. A autora aborda a questão do pavor que acontece diante da própria morte. Mesmo que se passe pela experiência de perder um ente querido, essa sempre será, por mais dolorosa que seja, uma reação diferente em relação à possibilidade da própria morte.

<sup>4</sup> KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, p. 24.

<sup>5</sup> ARIÉS, P. *O homem perante a morte*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977, p. 40.

A morte e a vida, contudo, têm profundas relações sociais e comunitárias. Na vida social, há diversos espaços e ritos. A vida moderna das classes mais privilegiadas da sociedade vive na agitação das grandes cidades com seu trânsito frenético e congestionado. Nesse cenário, a morte apropria-se dos conceitos vitais das grandes metrópoles. Cada vez mais se procuram procedimentos que possibilitem agilidade e rapidez nos ritos fúnebres. Aos poucos, os velórios se reduzem a algumas horas, e os crematórios crescem como possibilidade diferenciada na cultura ocidental.

Os espaços para os funerais estão sofisticando-se e buscando atender a uma demanda nova: amenizar o impacto da morte. Nos velórios é normal alguém dizer: “A vida continua!” Moribundos e enlutados parecem querer desculpar-se pelo incômodo de interromper a “normalidade” da rotina cotidiana.

A morte, assim reprimida, provoca uma indiferença profunda pelo *outro*. No passado, a morte estava mais integrada à cultura ocidental. Havia uma compreensão natural do morrer. Embora com reservas, a noção de morte natural deveria ser retomada, essencialmente por três motivos:

- 1º a morte faz parte da estrutura do ser, porquanto não se pode viver sem morrer. Cada processo vital contém em si, também, um processo mortal;
- 2º o futuro do ser humano e da natureza é desconhecido. A morte é um fato físico e natural que, embora não possa ser dominada, é possível prever a sua evolução, especialmente com o progresso da medicina; e
- 3º deve-se reconhecer um direito à morte natural, hoje frequentemente violado. Muita gente morre de forma não natural, mas pela origem social. Requer-se, então, uma igualdade de acesso e consumo dos serviços médicos, maior qualidade de vida e de direitos humanos.

## 1 Interpretações sobre a morte

Em estudos referentes a culturas e povos antigos, percebe-se que o ser humano sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Segundo Kübler-Ross, a impressão de imaginar o fim da vida

na Terra é inaceitável inconscientemente.<sup>6</sup> E, caso a vida tenha um fim, esse será atribuído a uma intervenção maligna fora do alcance dos homens.<sup>7</sup> Portanto, a morte em si, geralmente, está associada a uma ação má, a um acontecimento que por si clama por recompensa ou castigo.

Na Psicologia, há quem entenda a religião como a instância que pretende organizar o que não pode ser suportado. A partir da necessidade humana de controlar o mundo e a natureza à sua vontade, a religião proporcionaria, também, a proteção necessária contra os inimigos e os demônios internos, ou seja, contra a pulsão de morte. Para Freud, o ser humano é regido pelo princípio do prazer e deseja internalizar somente o que é bom, expulsando tudo o que for considerado mau, depositando-o no exterior do ser: “Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte”.<sup>8</sup>

Entre os filósofos, Heidegger apresenta a morte como um modo de ser. O ser humano, desde que nasce, é um *ser-para-a-morte*, porque a morte pertence ao contexto da vida. Ela é a chave hermenêutica para a compreensão da existência. No entanto, é conhecida a crítica de Sartre a essa percepção. Conforme Sartre, a morte desvela o absurdo de toda a espera. Assim, a vida não é outra coisa senão uma série de esperas que pendem todas para um fim último.<sup>9</sup>

Desse modo, a morte surge na dimensão complementar: o ser-para-a-morte se converte em ser-para-o-nada. Contudo, tanto Heidegger como Sartre, ainda que por caminhos opostos, possibilitaram o estabelecimento de um paradigma comum: a morte como fator de valorização da vida.

Para o filósofo alemão Ludwig Feuerbach, sobre o problema da morte nada se pode aprender de um Doutor em Teologia. Para o iniciador do humanismo naturalístico, somente a natureza é capaz de fazer ver a *verdade*, a qual consiste em compreender que a morte nada mais é do que um fantasma, uma quimera, um nada, um zero. Ela rapta tudo o que existe e, no fim de tudo, ela mesma desaparece, de tal forma

<sup>6</sup> KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 6.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> FREUD, S. Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. 1915. p. 2117.

<sup>9</sup> São várias as divergências e convergências do pensamento de Sartre e Heidegger, mas, talvez, a intriga maior entre ambos seja aquela que diz respeito à compreensão da morte. (SARTRE, J-P. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica, 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 58-71; HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*, Petrópolis: Vozes, 2006, p. 134-219).

que o filósofo chega a afirmar: “A nossa morte é, ao mesmo tempo, a morte da morte”.<sup>10</sup>

Feuerbach considera a inconsistência da morte. Para ele esse tema é um falso problema. A única questão real é o modo irracional de a morte se fazer presente. Para o filósofo, a única realidade verdadeira é a vida. Não é possível negar nem afirmar o que não se sabe. Nesta vida, não temos nenhuma prova suficiente para dizer que, após a morte, existe algo.

Igualmente, nada prova que depois desta vida existirão apenas o vazio e o nada, e que com a morte tudo está acabado ou que, ao se professar a existência de outra vida, estarão sendo feitas afirmações a partir das próprias crenças e suposições. Mesmo o ateu, nesse sentido, acredita não haver nada após esta vida, pois não pode provar o contrário. Nesse caso, é uma questão de fé.

Na Teologia, Rahner, influenciado pelas ideias existencialistas de Heidegger, percebe a morte sempre presente ao longo da vida. O teólogo refere-se à presença da morte em tudo o que fazemos. Ele traduziu para a Teologia o conceito de Heidegger, de *ser-para-a-morte*. A expressão significa o processo concreto da crescente acumulação de elementos da morte na história da vida humana. Na interpretação rahneriana, em todas as experiências de debilidade, doença e desilusão, o ser humano morre um pouco:

A existência humana inteira é orientada à morte, e esse momento decisivo definitivamente é acolhido em cada tratado, porque tem por objeto uma dimensão de existência humana em uma teologia do espírito e do conhecimento, em uma teologia de liberdade, em uma teologia da coparticipação humana e do amor em uma descrição cristã, experiências fundamentais vividas na existência humana (angústia, esperança, alegria, desespero, fé...), já que esse ser-para-a-morte conota tudo aquilo que é [está] presente na vida humana e comunica a sua problematidade à abertura ao mistério e à sua seriedade última.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> FEUERBACH, L. *La morte e l'immortalità*. Lanciano: Carabba, 1919, p. 77.

<sup>11</sup> RAHNER, *Il Morire cristiano*. Brescia: Queriniana, 2009, p. 21. “L'intera esistenza umana è orientata alla morte, e questo momento decisivo in definitiva va accolto in ogni trattato che abbia per oggetto una dimensione dell'esistenza umana, in una teologia dello spirito e della conoscenza, in una teologia della libertà, in una teologia della copartecipazione umana e dell'amore, in una descrizione cristiana dei vissuti fondamentali dell'esistenza umana (angoscia, speranza, gioia, disperazione,

Já von Balthasar reflete sobre a solidão da morte e seu significado inédito para a experiência humana. Ele acentua o sentido pessoal e singular de cada morte:

Morremos sós. A vida diz sempre comunhão e comunidade, mesmo no seio materno, de tal modo que um eu humano isolado e solitário não pode nascer, nem subsistir, nem ser pensado. A morte, pelo contrário, consegue suspender, por um momento intemporal, esta lei da comunidade. Os vivos podem acompanhar o moribundo até o último umbral, e ele pode sentir-se acompanhado por eles [...]. Mas só como solitário pode atravessar a porta estreita.<sup>12</sup>

Para o teólogo espanhol Cardedal, pensar a morte significa remeter-se a uma história em que Deus revelou seu amor indo ao encontro dos seres humanos para transformar a morte em vida. Narrar essa história é anunciar que o amor é o essencial anúncio do Cristianismo.<sup>13</sup> Assim, a esperança da ressurreição deve trazer consigo uma nova compreensão do mundo.

Este mundo que não é o céu da autorrealização; este mundo que não é o inferno da autoalienação; o mundo que ainda não está concluído, mas entendido como algo que está em processo, um mundo possível em que pode estar a serviço da futura verdade e da paz prometidas. Se o mundo perdeu o horizonte, a tarefa da comunidade cristã é reconduzi-lo à esperança no futuro do Cristo crucificado-ressuscitado.<sup>14</sup>

## 2 O medo da morte

O medo é a resposta mais comum diante da morte. Isso tem seu lado positivo, na medida em que inspira e é fonte de todas as realizações e batalhas diárias. Muito do que o ser humano realiza, ainda que inconscientemente, é para transcender a morte.

---

fiducia, ...), poiché questo *essere per la morte*, conota tutto ciò che è presente nella vita umana e comunica a esso la sua problematicità, l'apertura al mistero e la sua serietà ultima." (Tradução nossa).

<sup>12</sup> VON BALTHASAR, H. *O cristão na hora decisiva*. Caxias do Sul: Paulinas, 1969, p. 25.

<sup>13</sup> CF. CARDEDAL, O. de. *Sobre la Muerte*. 2. ed. Salamanca: Sígueme. 2003, p. 27.

<sup>14</sup> Idem.

Afinal, o medo de morrer, é essencial à vida. Devido a ele, toma-se cuidado com a saúde, com o corpo e com certos comportamentos que podem ameaçar a vida.

Segundo Kovács, alguns medos são mais conscientes e expressos, e outros permanecem latentes. Dentre os instrumentos mais usados para avaliar a intensidade desse medo, estão questionários, entrevistas, diários e observação do comportamento.

Os testes projetivos medem aspectos mais latentes e inconscientes do indivíduo, o que permite uma análise mais profunda da dinâmica do medo, mas podem acarretar dificuldades de interpretação. Hoelter, em 1979, realizou um estudo – *A multidimensional fear of death scale* –, estabelecendo oito dimensões do medo da morte. Esse estudo foi utilizado por Kovács no Brasil que, após a tradução, recebeu o nome de *Escalas multidimensionais para medir o medo da morte* (EMMM).<sup>15</sup>

Para Kovács o medo da morte é uma reação emocional que envolve sentimentos de:

1. *medo de morrer*: trata da morte concreta abrangendo o modo específico de morrer; por exemplo, o medo de morrer de câncer;
2. *medo dos mortos*: relaciona-se com a reação das pessoas diante de animais ou pessoas mortas; por exemplo, o medo de encontrar um cadáver ou o horror que sentem ao ver um animal morto;
3. *medo de ser destruído*: refere-se ao medo da destruição do corpo imediatamente após a morte; por exemplo, medo que estudantes usem o corpo para pesquisas;
4. *medo da perda de pessoas significativas*: é o sentimento que a perda pode causar; por exemplo, medo de perder os filhos;
5. *medo do desconhecido*: envolve a questão última da existência e a dúvida acerca do que virá após a morte; por exemplo, medo de que não haja vida após a morte;
6. *medo da morte consciente*: recorda os processos subjacentes à morte e o temor de se estar consciente nessa hora; por exemplo, medo de estar consciente e não poder se comunicar no momento da morte;

---

<sup>15</sup> Cf. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 18-19.

7. *medo do corpo após a morte*: é a preocupação com a qualidade do corpo após a morte; por exemplo, medo de que o corpo fique desfigurado; e
8. *medo da morte prematura*: receio da frustração por não ter atingido os objetivos ou por não ter vivido certas experiências antes de morrer; por exemplo, medo de morrer antes de ver os netos nascerem.

Nas pesquisas de Kovács com universitários, verificou-se que os indivíduos que declararam maior envolvimento religioso apresentaram menores escores de medo da morte, e os que declararam médio envolvimento religioso tiveram os escores mais altos, ficando os que se declararam ateus com os níveis intermediários. Pode-se dizer que, em algumas culturas, esse medo é mais bem dominado pelas pessoas e menos intenso. Muitos, por razões religiosas, filosóficas, culturais ou emocionais, enfrentam a morte com maior serenidade e coragem.<sup>16</sup> Para enfrentar a questão da morte e do morrer, o Cristianismo recupera sua tradição milenar sobre o tema.

### 3 A morte na ótica do cristianismo

A Teologia também é consciente de que a questão da morte é um problema insolúvel. O silêncio, as superstições e os medos expressam a sua ansiedade diante da possibilidade de morrer. Nesse sentido, o racionalismo pós-industrial provocou um retardo cultural, que não poupa nem mesmo os seguidores de religiões. No próprio Cristianismo, esse é um tema que perdeu sua tensão escatológica.

Para os cristãos em geral, esse exorcismo da morte provoca outro problema; trata-se de uma questão de fundo teológico, pois sobrevivem, no imaginário de muitos cristãos, representações mitológicas sobre o além, caracterizadas pela confusão de épocas e doutrinas que confluíram distantes do ensinamento bíblico e da tradição cristã. Os trechos bíblicos sobre a vida eterna e a própria compreensão da ressurreição dos mortos são repetidos em catequeses e celebrações, mas sem muita incidência sobre o crer, esperar e amar de cada fiel.

Há, então, um desnível significativo entre as verdades cristãs oficiais sobre o morrer e a esperança após a morte, de um lado, e as

<sup>16</sup> Cf. ORTEGA, J. L. C. Tipologia de la Muerte II. In: ORTEGA, J. L. C (Org.). *Sobre la Muerte y el Morir*. Espanha: Monte Carmelo 2009, p. 161

convicções e posturas de cada crente, de outro. Nesse caso, não se trata apenas de um problema de conteúdo, mas de *práxis* também, pois os cristãos não se distinguem pela esperança, pois a maioria também fica paralisada diante do impacto da morte.

### 3.1 *A morte na Sagrada Escritura*

Tudo o que os cristãos podem dizer acerca da morte tem como fonte a Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, a experiência da morte aparece de maneira profundamente ambígua. Por um lado, ela é vivenciada como o término natural da vida, por outro lado, é sentida como provação e maldição. Javé é o Senhor da vida e da morte (*Dt 32, 39*).

Por isso, a concepção de morte está relacionada à vida, ou seja, Deus, o Criador, presenteou o ser humano com a vida, que é uma dádiva e não uma propriedade do vivente. Mas as forças da morte estão sempre em ação na criação, e séculos serão necessários para que a tradição bíblica comece a formular a ideia de uma vitória definitiva sobre a morte.

No *Gênesis*, é relatado que Adão e Eva transgrediram o mandamento de Deus sobre o fruto da árvore da vida que dá o conhecimento acerca do bem e do mal. A vida deles tornou-se *sem* e *contra* Deus. O relato consta na narrativa já vista, e o mesmo ensinamento se encontra no *Livro da Sabedoria* (*Gn 2, 24*). Ao desobedecer, Adão escolheu viver sob o reinado da morte: “Com o suor do teu rosto comerás teu pão até que retournes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és do pó e ao pó tornarás.” (*Gn 3, 19*).

Essa vida, contudo, não foi aniquilada, mas limitada. Não dura para sempre nem pode ser eterna. Esse é o sentido do ser mortal: uma vida alienada de Deus não tem futuro. Eternizar esta vida seria eternizar suas contradições, suas culpas, o mal praticado e sofrido; seria eternizar a morte. Pelo fato de a vida ser mortal e limitada, deseja-se uma vida que dure para sempre, por isso ela deve ser transformada.

O israelita fala de sua experiência: a morte começa quando Javé *abandona* o ser humano.<sup>17</sup> Assim, a vida terrestre é considerada um dom de Deus por excelência, por isso se morre na prosperidade e na velhice de forma natural. “Abraão expirou: morreu numa velhice feliz.” (*Gn 25,8*). A morte dos patriarcas comprova essa possibilidade de uma morte

<sup>17</sup> Cf. HOFFMANN, P. Morte. *Dicionário de Teologia*. Conceitos fundamentais da Teologia atual. Vol. 3. 2 ed. São Paulo; Loyola, 1987, p. 363- 374.

com concisão e beleza insuperáveis na frase de *Jó* 5, 26: “Em robusta velhice entrarás para a sepultura, como se recolhe o feixe de trigo ao seu tempo.” Segundo a lógica da antropologia hebraica, a morte atinge não somente a carne (*básâr*), mas também a alma (*nêfesh*). Assim, o homem retorna ao pó (*Gn* 3, 19; *Sl* 90, 3; *Jó* 34, 15; *Ecl* 12, 1-7).<sup>18</sup>

Outra percepção da morte, presente no Antigo Testamento, é a de provação ou maldição, entendida como a morte súbita ou “no meio dos dias”. Essa morte lança suas sombras sobre a vida humana quando se percebe que ela acontece fora de hora, inoportunamente.<sup>19</sup> Os *Salmos* relatam essa ameaça da morte má, na qual a doença, a miséria e a solidão aparecem. “Que ganhas com meu sangue, com minha descida à cova? Acaso te louva o pó, anuncia tua verdade?” (*Sl* 30,10). Um enigma para Israel: também o justo sofre, ou seja, é ameaçado pela maldição e desgraça, cujo questionamento se apresenta intenso em relato constante no *Livro de Jó* (*Jó* 3, 4, 7, 9). A morte, desse modo, aparece sem piedade e com muita brutalidade.<sup>20</sup>

No Antigo Testamento, o lugar dos mortos é o *Sheol*. Segundo a concepção antiga de mundo, o *Sheol* se encontra na parte mais profunda da Terra. Por isso, os *Salmos* falam da fossa (*Sl* 40, 3; 55, 24; 143, 7) e da correspondência com a profundidade da Terra (*Sl* 139, 8): “Quanto aos que me querem destruir, irão para as profundezas da terra” (*Sl* 63, 10). Ali a morte assume sua distância e separação do mundo dos vivos, a perda da possibilidade de se desenvolver como ser humano.

Na concepção hebraica, o defunto continua a existir como *ele mesmo era* antes da morte, mas no *Sheol*, sem luz (*Jó* 10, 21), num lugar de silêncio (*Sl* 94, 17). O reino dos mortos caracteriza-se pela distância de Deus. O morto não toma parte do culto divino (*Sl* 6; 6; 30, 10; *Is* 38, 11.18).

A morte ideal era considerada a natural, ou seja, na plenitude da velhice, com as faculdades ainda intactas (*Gn* 25, 8; *Jó* 21, 23s; 29, 18-20), pois só assim a pessoa iria em paz para o *Sheol*. Igualmente, a morte é aceita como sendo enviada por Javé (*2 Sm* 12, 15-24; *Sl* 39, 14;

<sup>18</sup> Cf. GEFRE, C. Morte. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1195-1201.

<sup>19</sup> Cf. MCKENZIE, J. L. Morte. In: *Dicionário bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, p. 633.

<sup>20</sup> NERI, U. *Escatologia bíblica*: Catechesi di Monteveglio, Bologna: Grafiche Dehoniane, p. 19.

*Ecl* 3, 2; 9), pois é, antes de tudo, um apelo para viver bem a vida: “Ensina-nos a contar nossos dias, para que venhamos a ter um coração sábio.” (*Sl* 90,12).

No Novo Testamento, a morte é concebida como um grande inimigo a ser derrotado. Paulo exprime essa concepção, partindo da fé no Crucificado, que é portador da salvação, porque a humanidade que descende de Adão está sujeita à morte. Ele se refere, em primeiro lugar, à morte física, mas compreende também a morte espiritual, a do afastamento de Deus. Ele entendeu a morte como *salário do pecad.* (*Rm* 6, 23). A reflexão sobre a morte encontra uma ligação direta com o ensinamento do apóstolo sobre o pecado, a lei, a carne (*sarx*) e o espírito (*pneuma*).<sup>21</sup>

No Novo Testamento, os termos que designam o ser humano em sua totalidade são: *sarx*, *soma* e *pneuma*. *Sarx* (carne) recorda o termo hebraico *bâsar*, a sua natureza humana e sua fragilidade. Viver segundo a carne não significa que a carne é pecadora, mas é a existência isolada de Deus que faz o ser humano pecar. *Soma* (corpo) é o ser humano inteiro vivendo no espaço-tempo e solidário mesmo com os demais, portador da imagem de Adão e capaz de reproduzir a imagem de Cristo. O termo *pneuma* (espírito) tem sua equivalência em *ruah*, ou seja, a comunicação vital de Deus com o homem.

O ser humano aberto para Deus. Embora *sarx* não seja uma potência ativa da morte, é nela que se manifesta a dominação do pecado. Por isso, Deus enviou seu Filho, que assumiu na carne o pecado para nos libertar da morte<sup>22</sup> (*Rm* 8, 3). Remetendo-se à queda do ser humano em *Gênesis*, Paulo faz a relação Adão-Cristo; pelo primeiro entrou o pecado, a desobediência e a morte e, pela obediência de Cristo, entrou a vida no mundo.

Em *1 Cor* 15, 22, analogamente, Paulo diz que todos morrem em Adão, mas que todos foram trazidos de volta à vida em Cristo. Nessa concepção, Cristo é denominado o *Novo-Adão*. Se Deus, assim, “encerrou todos os homens na desobediência, era para fazer misericórdia a todos” (*Rm*, 11, 32). Em Cristo, ele se reconcilia com o mundo (*2 Cor* 5, 19). Cristo é o novo Adão porque traz em si a nova humanidade: nele

<sup>21</sup> Cf. RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*. 2. ed. Santander: Sal Terrae, 1988, p. 20-26.

<sup>22</sup> Cf. HOFFMANN, P. Morte. *Dicionário de Teologia*. Conceitos Fundamentais da Teologia atual. Vol. 3. 2. ed. São Paulo; Loyola, 1987, p. 363-374.

se realiza a morte ao pecado, e todos quantos se ligam a ele participam na obra da salvação (*Rm* 5,12ss; *I Cor* 15).<sup>23</sup>

Um elemento importante da concepção neotestamentária é constituído pela afirmação de que Jesus superou a morte com a sua (*I Cor* 15, 25s). Cristo despojou a morte de seu poder (*2 Tm* 1, 10) e libertou a humanidade da lei do pecado (*Rm* 8, 2). Por isso, o Novo Testamento afirma que Cristo morreu e ressuscitou para ser o Senhor dos mortos e dos vivos (*Rm* 14, 9).<sup>24</sup>

O batismo cristão também faz referência à morte. Em *Rm* 6, 3-11, o apóstolo faz a seguinte reflexão: “Ignorais que, batizados em Cristo Jesus, é na morte que todos fomos batizados?” Para Paulo, portanto, aquele que é batizado em Cristo, a sua vida diária é uma morte e uma ressurreição com Cristo (*Rm* 6,2s).

Nos Evangelhos sinóticos, o centro dos relatos está no anúncio da salvação deste mundo de morte por meio do envio do Filho de Deus ao mundo (*Jo* 3, 17-19; 6, 14; 9, 39; 12, 46), que, com sua morte, venceu o pecado. Alguns textos remetem à busca de sentido na morte de Jesus: “O Cristo foi entregue por nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação” (*Rm* 4, 25). Outras passagens bíblicas evocam que Cristo morreu por nós (*Rm* 5, 6-8); outras ainda, que ele morreu *por nossos pecados* (*I Pd* 2, 24).

De acordo com os Evangelhos, foi o próprio Jesus quem se colocou no caminho para Jerusalém, onde aconteceu a entrada triunfal e messiânica que levou as pessoas a identificarem-no como o Messias esperado (*Mc* 11, 15-17). Porém, mesmo se deixando conduzir à morte que o devolverá ao Pai (*Jo* 14, 28), a sombra da cruz é tão pesada que Jesus se sentia perturbado. A expressão: “Minha alma está perturbada” (*Jo* 12, 27) mostra que aquele que veio para vencer a morte deixa-se tomar pela consciência acerca da violência, da hostilidade.<sup>25</sup>

Na literatura romana, a crucifixão é descrita como uma punição cruel e temida, não sendo aplicada aos cidadãos romanos, mas a escravos e criminosos.<sup>26</sup> A voluntariedade da autoentrega de Jesus é fortemente

<sup>23</sup> Cf. REY, B. *Nova Criação em Cristo no pensamento de Paulo*. São Paulo: EA Cristã, 2005, p. 102-103.

<sup>24</sup> Cf. MCKENZIE, J. L. Morte. In: *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 632-634.

<sup>25</sup> Cf. FEINER, J.; LOEHRER, M. *Mysterium Salutis*. Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica. O Evento Cristo. Mysterium Paschale. III/6. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>26</sup> Cf. MCKENZIE, J. L. Cruz. In: *Dicionário bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, p. 203-204.

sublinhada na sua captura e na prisão (*Mc* 14, 46; *Mt* 26, 50; *Jo* 18, 12), mostrando como ele enfrentou o momento de sua morte.

Sobre a exclamação do Crucificado: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (*Mc* 15, 34), encontram-se duas interpretações diferentes: uma apresenta que, na Paixão, Cristo afundou no abismo da sensação de solidão, sentindo-se abandonado pelo Pai. Acentuando a humanidade de Jesus diante da morte, tal visão defende claramente que Cristo sentiu-se totalmente abandonado pela humanidade e até por Deus diante do estertor da morte por crucificação.

A outra interpretação ressalta que a expressão dita por Jesus são palavras do “Salmo 22”, a qual resume, de maneira intensa, a aflição e a esperança do povo escolhido e, justamente por isso, aparentemente tão abandonado por ele. A oração que se levanta do tormento mais profundo da escuridão sem Deus termina com um louvor à grandeza de Deus.

Conclui-se, então, que o pensamento bíblico não nasce de uma experiência ou meditação sobre a morte. Deus não foi pensado ou confessado nessa relação, para tranquilizar o ser humano mortal e lhe assegurar a imortalidade. Não é a sede de imortalidade a matriz da fé bíblica em Deus, nem é a morte que faz nascer o pensamento sobre Deus. Ao contrário, é diante de Deus que o homem bíblico toma consciência da morte: “O homem não pode ver a Deus, e viver” (*Ex* 33, 20).

A experiência bíblica de Deus não está no extremo confim do limite humano, mas no centro, no coração da vida. No seu conjunto, a Bíblia pensa em Deus do lado de cá da linha da vida, muito mais do que do lado de lá, depois da morte. É como afirmou Bonhoeffer: “Ele é o além no meio da nossa vida”.<sup>27</sup> Constata-se, então, que o discurso sobre Deus, na Bíblia, não se relaciona ao medo de morrer, mas à responsabilidade de viver.

### 3.2 *A morte na tradição cristã*

A morte é sempre amarga em si mesma, e os cristãos só conseguem amá-la quando for considerada como um caminho para a vida verdadeira. É o caso dos mártires, como se refere Santo Agostinho:

Quem pensa ser tal perseguidor para vir e dizer: *Nega a Cristo se não queres morrer?* Por acaso é possível negar a vida pela vida? Por uma breve vida vou negar a vida eterna? Por que querem tirar a fé

<sup>27</sup> BONHOEFFER, D. *Lettere a un amico*. Milano: Bompiani, 1969, p. 84.

das pessoas com ameaças de morte? Cristo é que tem em seu poder a morte e a vida. Se a morte não significasse nada, que bem fizeram os mártires ao desprezá-la?<sup>28</sup>

Perante o martírio que se aproxima, Santo Inácio de Antioquia mostra a forte esperança na ressurreição, dizendo que uma água viva fala dentro dele, chamando-o para o Pai e o tornando feliz. Para Santo Inácio, a morte seria a entrada em uma nova via e suportaria as dores com paciência, como as dores do parto, dores de um nascimento.<sup>29</sup> Outro exemplo é o de São Policarpo que, em oração, já no local onde seria queimado, falava da confiança em Deus que lhe concedeu o dom do martírio e da vida eterna. Na oração, ele diz que se tornará parte do número dos mártires no cálice de Cristo, para a ressurreição da vida eterna em alma e corpo, na incorruptibilidade do Espírito Santo.

Semelhante reação teve São Justino quando, em interrogatório prévio ao martírio, o prefeito lhe disse: “Tu imaginas que vais subir aos céus e receber não sei que boas recompensas?” E Justino respondeu com segurança: “Não só imagino como tenho certeza absoluta de que irei aos céus.”<sup>30</sup> Os cristãos que presenciavam o martírio e que não podiam sepultar a mínima porção de suas relíquias, por proibição dos opressores, ficavam em grande sofrimento, piedade e luto.

Santo Agostinho aborda a questão da morte como sendo o mau uso do livre-arbítrio por parte do ser humano. A morte não procede de Deus, pois “Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os viventes” (*Sb* 1, 13). O ser humano se distanciou de Deus e a isso se reduz tudo o que se chama de mal, isto é, o pecado e o castigo do pecado. Segundo Santo Agostinho, de nenhum modo haveria pecado no mundo se não fosse um ato voluntário, porque se o mal não fosse obra da vontade, absolutamente ninguém deveria ser repreendido. Assim julgou Deus que seriam melhores os seus servidores – se livremente o servissem.<sup>31</sup>

<sup>28</sup> SANTO AGOSTINHO. Sermón 335-B, 2-3: BAC 448, 696-697. In: PONS, G. *Textos patrísticos. El Más Allá: en los padres de la Iglesia*, p. 35.

<sup>29</sup> Cf. GAUDIN, P. (Ed). *La Muerte: Lo que dicen las religiones*, Bilbao: Mensajero, 2004, p. 87.

<sup>30</sup> Cf. PONS, G. *Textos Patrísticos. El Más Allá: en los Padres de la Iglesia*, Madrid: Ciudad Nueva, 2001, p. 33-34.

<sup>31</sup> Cf. SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2. ed. 2007, p. 179.

Santo Agostinho escreveu também sobre a incapacidade de comunicação dos mortos em relação aos vivos, ao se referir à sua relação com sua mãe após a morte:

Tomem como quiserem o que vou dizer. Se deveras as almas dos mortos intervissem nos problemas dos vivos, aparecessem e nos falassem durante nosso sono, minha piedosa mãe – para não falar sobre outras pessoas – não me abandonaria uma única noite, ela que me seguiu por terra e mar, a fim de partilhar comigo minha vida. Longe de mim crer, com efeito, que uma vida mais feliz a tornou indiferente, a ponto de não vir consolar em suas tristezas um filho que, em sua vida, foi seu grande amor.<sup>32</sup>

Tendo o ser humano desobedecido a Deus e atraído para si a corrupção e a morte, Santo Irineu de Lion dá ênfase à encarnação do *Verbo*, pois, através dela, a comunicação entre Deus e o homem foi restabelecida, pois a morte reinava sobre a carne e, por isso, o *Verbo* se fez carne (*Jo* 1, 14).<sup>33</sup> Para Atanásio, a espécie humana teria sido destruída se o Senhor de todas as coisas, o Filho de Deus, não tivesse vindo para dar fim à morte.<sup>34</sup>

Os místicos cristãos atribuem novo sentido ao morrer. Para eles a experiência da morte pode ser ressignificada a partir da união do ser humano com Cristo. Quem faz essa experiência ao longo da vida compreende, de forma antecipada e limitada, essa promessa de salvação da morte. É o que fez Francisco de Assis, em 1225, quase moribundo, ao compor o “Cântico do Irmão Sol”. Nas últimas estrofes, ele se refere ao duplo sentido da morte:

Louvado sejas, meu Senhor,  
por nossa irmã a Morte corporal,  
da qual homem algum pode escapar.  
Ai dos que morrerem em pecado mortal!

<sup>32</sup> Cf. SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião*: o cuidado devido aos mortos. São Paulo: Paulus, 2. ed. 2007, p. 179.

<sup>33</sup> Cf. IRENEU DE LION. Demostración de la predicación apostólica, 31: FuP 2,118-121. In. PONS, G. Textos Patristicos. *El Más Allá*: em los Padres de La Iglesia. Madrid: Ciudad Nueva, p. 35.

<sup>34</sup> Cf. GOMES, C. F., OSB. *Antologia dos Santos Padres*: Páginas seletas dos antigos escritores eclesíasticos, 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1973, p. 202-209.

Felizes os que ela achar conforme a tua santíssima vontade,  
porque a morte segunda não lhes fará mal.<sup>35</sup>

O desejo de morrer para viver aparece também na poesia do século XVI, escrita por Santa Teresa de Jesus:

Olha que o Amor é forte;  
Vida, não sejas molesta,  
Olha que apenas te resta  
Para ganhar-te o perder-te;  
Vem depressa, doce morte,  
Acolhe-me em teu socorro  
Que morro porque não morro.<sup>36</sup>

A doutora da Igreja não tem desprezo pela vida, apenas reconhece que a vida em Deus é plena e, por isso, a morte é desejada. Nessa poesia, ela retoma o texto de Lucas 17, 33: “Quem procura ganhar a sua vida, vai perdê-la; e quem a perde, vai conservá-la.”

É como Santa Terezinha do Menino Jesus escreveu na poesia “Minha Alegria”, composta em 21 de janeiro de 1897:

Quero viver ainda bem longamente,  
Senhor, se for este o teu desejo.  
Ao céu quisera te seguir,  
Se isso te desse prazer.  
O Amor, este fogo da Pátria,  
Não cessa de me consumir.  
Que me importa a morte ou a vida?  
Jesus, minha alegria é te amar.<sup>37</sup>

Santa Terezinha do Menino Jesus faleceu em 30 de setembro de 1897, aos 24 anos, após longa enfermidade que lhe causou grandes desconfortos. Morreu serena diante da comunidade reunida no Carmelo de Lisieux, na França.

<sup>35</sup> FRANCISCO DE ASSIS. Cântico do Irmão Sol. \_\_\_\_\_. *Escritos e biografias de São Francisco de Assis*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 72.

<sup>36</sup> SANTA TERESA DE JESUS. Morro porque não morro. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Aveiro: Carmelo, 1978, p. 1.386.

<sup>37</sup> SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS. Minha alegria. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 616.

Entre os teólogos, na Idade Média, Santo Tomás de Aquino se destaca ao ensinar que todo ser biológico, além de se corromper, morre, pois a corrupção do seu corpo significa a perda da vida. Por isso, os corpos vivos sofrem a morte, que não é apenas a destruição da matéria, mas o cessar da vida na matéria.<sup>38</sup> Por isso, o ser humano é entre os seres vivos o que mais sofre com a morte, pois dela tem consciência.

Na teologia contemporânea, desenvolve os dados bíblicos e os da Tradição, confrontando-os com o pensamento atual. A morte para o Cristianismo, concordam, foi causada pelo pecado. O castigo do pecado é a privação de participar do eterno. Eis a morte em sentido total: o autoisolamento, que surge do afastamento do ser humano, em vista de seu orgulho e onipotência, que podem traduzir-se também na necessidade de viver como um deus, levando-o à morte.

Por isso, Rahner acrescenta que a morte, como consequência do pecado, é resultado da liberdade humana ao recusar a obediência a Deus. Nesse contexto, a morte é a expressão de que a realidade terrena se distanciou da graça de Deus.<sup>39</sup>

## Considerações finais

Biologicamente, estamos sempre findando: células morrem, são eliminadas, e outras surgem. A morte não é um instante, mas um processo biológico e espiritual. O ser humano é essencialmente um ser-para-a-morte: aprender a viver é aprender a morrer. As religiões são depositárias dessa sabedoria. Não é possível perceber a morte apenas como finitude fisiológica, como se ela fosse a negação da vida ou o fim do sujeito que vive num tempo e num espaço. O ser humano, diferentemente dos demais seres, sabe que vai morrer, tem consciência dessa limitação e, por isso, não nasce determinado, nem se move apenas por impulsos biológicos, mas vai construindo sua vida e se construindo. É morrendo que se vive para o eterno.

A consciência da mortalidade leva a pessoa ao desejo de imortalidade. Os animais desejam sobreviver, querem viver e resistem aos desafios que os levam à finitude. Os seres humanos, mais do que sobreviver, não querem morrer. É uma inquietude que permanece no coração humano, refratando as hipóteses de um dia não mais existir.

<sup>38</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, I q. 75, art. VI.

<sup>39</sup> Cf. RAHNER, K. *Sulla teologia della morte*. Brescia: Morcelliana, 2008, p. 36-40.

A vida é um valor tão absoluto para as pessoas que a possibilidade de seu fim desencadeia um desejo de transcender a passagem do tempo cronológico.

Para exorcizar a possibilidade de desaparecer, os humanos enfileiram-se nas muitas religiões que a história registra. Em diferentes épocas, povos de diversas culturas construíram edifícios chamados religiões. No Cristianismo, a morte é compreendida a partir do Crucificado. O Deus cristão se revela plenamente na cruz de Jesus Cristo. Inicialmente, se pode pensar que Deus e a morte são duas realidades incompatíveis. Isso, porém, não significa que sejam incomunicáveis: “A morte é o nosso limite, mas Deus é o limite da nossa morte”.<sup>40</sup>

A morte de cada pessoa nos faz recordar, constantemente, que nosso projeto de vida não é um projeto individual. Cada ser humano apenas participa de um projeto que o supera. O fato de ser mortal, portanto, revela a transcendência e a integração num projeto maior. A morte de cada pessoa é um incentivo para que superemos todo individualismo e vivamos uma existência solidária.<sup>41</sup>

Recebido: 08/04/2013

Avaliado: 10/04/2013

---

<sup>40</sup> BARTH, K. *Dogmatique*. Genebra: Labor et Fides, 1961, p. 307. v. 12.

<sup>41</sup> GARAUDY, R. *Parola di uomo*. Assis: Cittadella, 1976, p. 31.